



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## DISCUTINDO GÊNERO E CONSTRUINDO IDENTIDADES: O LÚDICO NA SEXUALIDADE INFANTIL

**Michelle Santino Fialho**

*Universidade Estadual da Paraíba- [michelle-fialho@hotmail.com](mailto:michelle-fialho@hotmail.com)*

O presente trabalho objetiva compreender as representações da sexualidade centradas no universo infantil, levando-se em consideração os múltiplos discursos associados e naturalizados em torno das brincadeiras ditas de ‘meninos e meninas’. Tal produção emerge com um olhar diferenciado e peculiar a partir das contribuições da Nova História e o alargamento do campo de pesquisas para os estudos de gênero, mediante o intuito de pensar o lugar do infantil, tal qual pertencimento e identidade. Neste sentido, a pesquisa deseja refletir o imaginário envolto nos jogos, brinquedos e, ainda, na designação das cores (azul e rosa) proferida no intuito de legitimação da sexualidade presente no universo da criança. Assim, articulamos discussões que possam fomentar reflexões acerca das diversas maneiras de pensar e sentir a infância, notadamente a partir dos seus modos de subjetivação, bem como dos padrões instituídos socialmente na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVES:** Gênero, infância, sexualidade, identidades.

### INTRODUÇÃO

Um enfoque abrangente contribui com novas peculiaridades na abordagem do saber histórico, o qual se torna notável na representação dos eventos e personagens enraizados no curso da história. O campo da história apresenta-se, pois, aberto, multifacetado e imerso em complexidades. A indagação posta por Sandra Pesavento<sup>1</sup> (2008) no livro “*História e História Cultural*” reflete, claramente, o percurso percorrido por Clio diante das alterações ocorridas a partir dos anos 90. Qual seria, portanto, o perfil de Clio? Como caracterizar o âmbito historiográfico face aos paradigmas que emergiam e declinavam em meio ao processo de construção do conhecimento? Ora, não seria exagero afirmar que a autora conduz-nos a lançarmos olhares sobre recortes que viriam a compor uma espécie de quebra-cabeças. Ao entrelaçar diferentes perspectivas a história

---

<sup>1</sup> PESAVENTO, S. J. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cultural contribui, assim, para a formação de um novo campo para a História. Essa perspectiva de atuação ligada à reflexão e pesquisa mais abrangente, enriquece a escrita histórica uma vez que dar voz aos excluídos e silenciados. Como afirma Reis<sup>2</sup>:

Ela é escrita no plural: há histórias de... As “estruturas mentais”, que se tornam o interesse central da pesquisa histórica, são plurais, múltiplas, heterogêneas, dispersas. O historiador pode tematizar tudo sob qualquer perspectiva. (REIS, 2006, p. 90).

Neste ínterim, torna-se evidente que as manifestações culturais são extremamente variadas: religiosidades, sexualidade, gênero são apenas alguns recortes que evidenciam a emergência dos estudos culturais e o empenho dos historiadores em ampliar as pesquisas para o âmbito das percepções culturais. Como sustenta a Lynn Hunt<sup>3</sup> (2001) em sua introdução do livro “*A nova História Cultural*” essa corrente viria colocar as pesquisas historiográficas no cerne de uma busca interminável de novas práticas culturais incidentes sobre olhares minuciosos dos estudos históricos. Permite, portanto, tomar as discussões de gênero como uma categoria que impõe um forte caráter histórico. Surgem, assim, novas possibilidades para os estudos historiográficos. É possível, sim, cogitar análises interpretativas sob a sexualidade. O resultado disto tudo é uma investigação histórica que se transporta “do porão ao sótão”, nas palavras de Vainfas<sup>4</sup> (2011). De fato, a concepção propugnada pelo autor nos permite entrar em contato com a vasta temática escolhida a partir de então. A preferência se sobressai em temas ligados ao cotidiano, em especial, os modos de comer.

Neste ponto, as contribuições da Nova História tornaram-se de extrema relevância para a constituição do referente estudo. Como bem aponta Pesavento “Se a história Cultural é chamada de Nova História Cultural, como o faz Lynn Hunt, é porque está dando a ver uma nova forma de a

---

<sup>2</sup> REIS, J. C. A Escola Metódica, dita “Positivista”. In: **A História Entre a Filosofia e a Ciência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 15-32.

<sup>3</sup> HUNT, L. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>4</sup> VAINFAS, R. História das Mentalidades e história Cultural. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.) **Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.144-162.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

História trabalhar a cultura” (2008, p. 15). E bem mais que isso: o historiador passa a ter em mãos um leque imenso de possibilidades para efetivar a sua escrita. Como já apontado anteriormente, o âmbito da história passa a partir de então a assumir novas facetas, as quais já se desenrolavam desde o século XIX.

As alterações ocorridas no âmbito da História, porém, datavam de bem antes, se levarmos em conta o panorama internacional. [...] Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História. (PESAVENTO, 2008, p. 8).

No contexto da História cultural surgem novas perspectivas no fazer historiográfico. Os estudos sobre identidade, sexualidade, gênero, cotidiano, infância, entre outros, são postos à tona como ferramentas de análise da realidade. Trazer os estudos de gênero para a escrita do historiador reflete, claramente, na abertura proposta pela Nova História.

Nesse ínterim, esse trabalho realizou-se a partir das análises compiladas sobre os múltiplos sentidos projetados face ao universo infantil, na medida em que este postula uma forma de constituição de subjetivações e, sobretudo, na formação de identidades. O objetivo principal desta pesquisa é compreender as implicações e representações da sexualidade em torno dos jogos, brincadeiras e cores associadas ao cenário infantil. Busca-se, ainda, instaurar novos olhares para a infância, pensando-a e sentindo-a em meio aos discursos construídos em suas múltiplas representações, contribuindo com isso na auto definição dos indivíduos enquanto portadores de uma identidade.

### **METODOLOGIA**

Após levantamento e catalogação das fontes, a metodologia que desenvolvemos nesta pesquisa constituiu-se a princípio, da análise de alguns brinquedos, jogos e, ainda, na simbologia envolta na determinação das cores ‘de meninas e meninos’. Objetivamos, com isso, perceber



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

significantes que nos levem a compreender as relações de gênero presentes e pré-determinadas no comportamento infantil, a partir dos discursos proferidos na intenção de legitimar uma sexualidade.

Reconhecendo então esses discursos, levamos nossos questionamentos para um levantamento bibliográfico, no intuito de fundamentar nossa pesquisa. a ‘naturalização’ existente em torno dos papéis atribuídos e apropriados para cada sexo.

### **RESULTADOS**

Os resultados obtidos durante a pesquisa se mostraram em um patamar de imensa satisfação. A partir desta apreensão, observamos o quão natural encontram-se os papéis do feminismo e do masculino na concretização dos laços sociais, identitários e subjetivos. Esse reconhecimento instaurou e (re) afirmou com as visões postas de antemão e que asseguram entendimentos equivocados em relação às diferenças entre gênero quando o assunto é brinquedos, cores ou jogos. Desta forma, ao pesquisar e analisar os aspectos inerentes ao cenário infantil, especificamente, os comportamento pré-determinados, efetivamos reflexões em consonância com os nossos objetivos propostos, sob o alicerce de olhares sexistas que propugnam os papéis na infância.

### **CONCLUSÃO**

A partir dessa pesquisa identificamos a importância de desmistificar os comportamentos masculinos e femininos presente na infância, a partir do que a criança pode/deve ou não fazer/brincar. Essa prática traz à tona as potencialidades que dão ênfase à construção da criança em sua singularidade a partir das relações construídas com o seu entorno. Uma formação que se esvai em todos os sentidos, marcada pela exteriorização das potencialidades e condutas presentes durante a infância. É na diversidade do brincar que impomos uma subjetividade. Esse cenário traz em si um sentido mais abrangente que reporta a elaboração de identidades e valores culturais advindos dos



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

costumes e comportamentos, transpassando assim as fronteiras de gênero e a pré-determinação inerente ao lugar do infantil.

Sem dúvidas, essas concepções transparecem de forma incessante na nossa contemporaneidade, mantendo em evidência a obsessão pelo comportamento adequado entre meninas e meninos. A ideia de divisão de gênero alia-se, portanto, ao lugar da infância modificando, incessantemente as práticas cotidianas ligadas ao universo lúdico. Logo, cada brincadeira se desenvolve reforçando demasiadamente o caráter sexista presente nos brinquedos e nas cores. As cores azul e rosa, por exemplo, tendem a concretizar um verdadeiro espaço de exclusão e julgamentos que provêm das exigências socialmente designadas.

Os resultados da pesquisa evidenciaram uma reflexão em torno dos momentos de brincadeiras, que nos levam a detectar um forte sexismo, bem como uma divisão que atribui a bola e o carrinho aos meninos, enquanto as bonecas e a brincadeira de casinha destinam-se as meninas incitando, assim, a exclusão e, por vezes, os olhares preconceitos sobre a criança. O que vemos aqui são padrões instituídos socialmente e que conduzem as crianças a se comportarem como meninos e meninas durante o brincar. Tal associação vai, imensuravelmente, de encontro às percepções direcionadas a orientação sexual da criança. A preocupação emerge, portanto, estabelecendo e impondo uma espécie de categorização, onde a ideia de um possível rompimento das relações de gênero torna-se inviável perante os comportamentos infantis. Segundo Louro (1997) essa preocupação em relação à orientação sexual da criança encontra-se imbuída de uma espécie de discurso “normalizante da sexualidade”. Vigia-se. Controla-se. Classifica-se em “coisas de menino *versus* coisas de menina”.

Concluimos, portanto, que o conhecimento da ideia inculcada na (re) significação das brincadeiras encontra-se, veementemente, direcionada a um processo de autorreconhecimento e pertencimento na tentativa de desconstruir as visões antagônicas a respeito do feminino e masculino na contemporaneidade.

### DISCUSSÃO



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O sentido da infância encontra-se associado aos valores do ser humano, que relaciona saberes, formas de pensar, sentir e agir. Brincar é uma forma de comunicação, estando assim ligada à autonomia, à liberdade, não apenas social, mas a liberdade do próprio ser. Nessa concepção, as brincadeiras expõem a experiência como o resultado de uma interação onde o sujeito é sempre um elemento ativo. Os momentos de brincadeira envolvem um sentido que passa a ser compreendido como aquele destinado a orientar uma identidade. Como ressalta Stuart Hall (2002, p. 48) “As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação”. Entender, pois esses momentos como uma fonte de identidade cultural, nos leva a identificar-nos como uma teia de significações, esta eminentemente pulsando e apta a (re) significar-se. Essa prática traz à tona as potencialidades que dão ênfase à construção da criança em sua singularidade a partir das relações construídas com o seu entorno.

É bem verdade que o situar dentro das diversas formas de sociabilidade advindas dos momentos de brincadeira, constitui um processo contínuo de formação de identidades. Tal investigação se configura na construção da infância enquanto uma diversidade de significantes culturais, incutidos em um processo que, possibilita então, o norteamento das relações sociais. A construção dessas identidades encontra-se, intrinsecamente, articulada às percepções em torno da diversidade cultural existente. A criança imersa nesse espaço lúdico torna-se, eminentemente, mutável, apto a absorver “multi-identidades”. Segundo Hall (2002) a visão de unificação torna-se imprópria, uma vez que a impossibilidade de apresentação de uma identidade plenamente unificada se faz presente. Tomamos conhecimento de uma variedade imensa de identidades, que transmutam pelos sujeitos garantindo-lhe uma feição multicultural:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2002, p.13).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Nesse percurso, a versatilidade presente nas nos jogos e brinquedos permite a configuração da própria ação social, diretamente interligada aos comportamentos humanos. A partir da apreensão do pluralismo cultural presente no cenário infantil e na concretização dos laços sociais, torna-se possível visualizar uma identidade de gênero indissociável dos modos de subjetivação presentes na infância, remodelando gestos, experiências, linguagens e, sobretudo, (re) definindo os lugares do infantil.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. História social da infância e da família. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

CAMARGO, A. M. F. de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e Infância(s): a sexualidade como tema transversal**. Campinas, SP: Moderna, 1999.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade 1: a vontade de saber**. 12. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade, educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

\_\_\_\_\_. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

HUNT, L. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PESAVENTO, S. J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

REIS, J. C. A Escola Metódica, dita “Positivista”. In: **A História Entre a Filosofia e a Ciência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 15-32.

\_\_\_\_\_. O surgimento da “Escola dos Annales” e o seu “programa”. IN: **Escola dos Annales: a inovação em História**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

\_\_\_\_\_. A “história problema” da Escola dos Annales. IN: **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SHARPE, J. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.) **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 40-62.

VAINFAS, R. Gênese da Micro-História. In: **Os protagonistas anônimos da História: micro-história**. Rio de Janeiro: CAMPUS, 2002. p. 68-142.

\_\_\_\_\_. História das Mentalidades e história Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.) **Os domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.144-162.